

Editorial

O mês de Novembro, em Palmela, é marcado no seu primeiro dia pelas comemorações da Restauração do concelho – que assinala este ano o 77º aniversário – e pela Festa de Todos-os-Santos que, no mesmo dia, tem lugar em Quinta do Anjo.

Este ano, o programa de comemorações da Restauração integra, quer as já tradicionais acções desenvolvidas pelo Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, quer por duas outras acções da responsabilidade da Câmara Municipal: uma conferência dedicada ao enquadramento histórico do processo de extinção (1855) e restauração (1926) do concelho, em contexto nacional, e o lançamento do livro intitulado *Memórias de Ferroviários de Pinhal Novo*. Embora não ver-se, esse livro, sobre o tema *Restauração*, integramo-lo no programa, não só pela importância dos depoimentos publicados, mas também como homenagem a todos os trabalhadores anónimos que contribuíram, e contribuem, para redobrar em dignidade a História do nosso Município. De facto, são muitos os homens e mulheres anónimos que, diariamente, constroem a nossa História e, apesar de considerarmos justo destacar algumas das figuras que pelo seu carisma dão um contributo ímpar no processo histórico – no presente caso, podemos destacar: Joaquim José de Carvalho, como primeiro Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, os militares Capitão Clemente José Juncal, General Amílcar Mota e Conta-Almirante Jaime Afreixo e o Padre Moisés da Silva - a consciência social obriga-nos a procurar os outros actores do processo histórico, normalmente sem voz. Assim, é também nessa edição apresentado um documento de trabalho que orienta a criação do “Arquivo de Fontes Orais do concelho de Palmela”.

Além do justo assinalar de efemérides, a nossa acção de salvaguarda do Património histórico-cultural é também marcada, neste momento, por três outras temáticas:

- o debate com todos quantos a ele se queiram associar, sobre o Ante-Projecto de Programa Museológico para o Concelho de Palmela (que publicamos no **+museu1**, em suplemento); esta acção, a realizar em todas as freguesias, não visa ser uma conversa técnica, mas reflectir com os cidadãos do concelho acerca do Património Local e de meios de melhor o salvaguardar e divulgar;
- o inventário de fontes, chafarizes, lavadouros e minas de água do concelho, visando uma requalificação faseada dos mesmos e dando a conhecer neste Ano Internacional da Água Doce a importância de salvaguardar essa fonte de Vida;
- a apresentação de propostas/actividades do Serviço Educativo do Museu Municipal à Comunidade Escolar, em suplemento, este ano lectivo com particular destaque para os Projectos “30 Anos de 25 de Abril no concelho de Palmela” e “Crescer saudável com o nosso Património”.

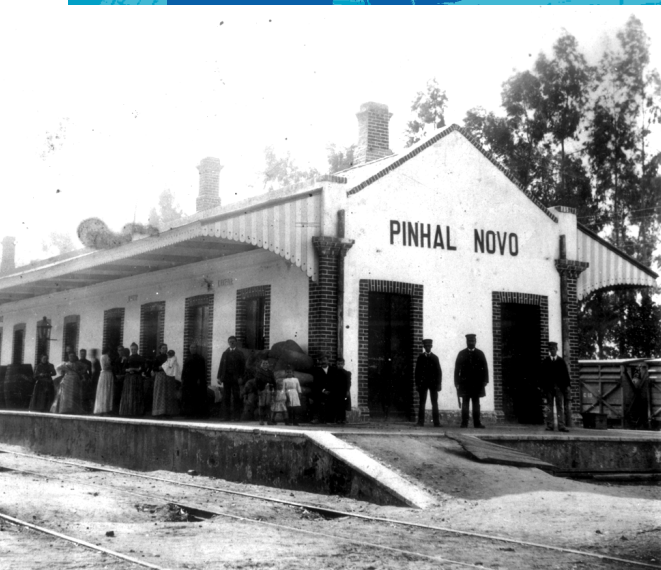
A adesão às acções propostas e a avaliação que o público faz das mesmas, permite-nos programar novas actividades que correspondam não só ao que o Museu tem para mostrar sobre o património do concelho, mas também adequar essa oferta às especificidades quer da Comunidade Educativa, quer do público em geral.

Porque trabalhamos com todos Vós - crianças, jovens e adultos com gosto por aprender – desejamo-vos, uma vez mais, a educadores e alunos um Excelente Ano Lectivo 2003/04 e esperamos por si no Museu Municipal de Palmela !

A Presidente da Câmara



Ana Teresa Vicente



Joaquim José de Carvalho

O Museu visitado pelas Escolas no ano lectivo 2002/2003

É através do Serviço Educativo que o Museu Municipal interage com a comunidade. Ao aproximar-se das Escolas, das Crianças e dos seus Educadores está a cumprir o seu papel de agente cultural e educativo.

A Escola, como veículo de aprendizagens diversificadas e significativas, apresenta-se hoje com currículos mais flexíveis e cada vez mais ligados à comunidade em que está inserida, e o Museu Municipal deve ser um recurso, um parceiro para a construção desse mesmo currículo.

Hoje, o Museu já não é um espaço estático, escuro, intocável, com um discurso excessivamente erudito, onde nada acontece. Pelo contrário, é um local vivo onde têm lugar as memórias de uma comunidade, e pretende ser de fácil acesso a todos, onde estas memórias possam ser “contadas” de uma forma activa e lúdica.

Em Suplemento apresentamos as actividades previstas para o Ano Lectivo 2003/2004, com destaque *Crescer saudável com o nosso Património (gastronómico)*.

Mas, como o Serviço Educativo do Museu Municipal necessita de avaliar as suas actividades, para melhor as adequar às necessidades do público, vem, em jeito de balanço, dar conta da adesão das Escolas do Concelho às diversas acções que foram propostas, no ano lectivo de 2002/2003.

O total de alunos do concelho a participar nas actividades do Museu Municipal foi de c. 4763, sendo que a actividade mais representativa foi a exposição temporária “Os Sentidos Dão Cor à Vida” propriedade do Museu da Criança e requisitada pela Câmara Municipal no decurso desse ano lectivo.

São apresentados três gráficos: o primeiro com as actividades do Serviço Educativo do Museu Municipal mais requisitadas pelas escolas do concelho; o segundo e o terceiro com a participação, por escola, nas diversas actividades propostas, apenas se distinguindo pelo nível de ensino a que dizem respeito – Pré-Escolar (segundo gráfico) e 1º,

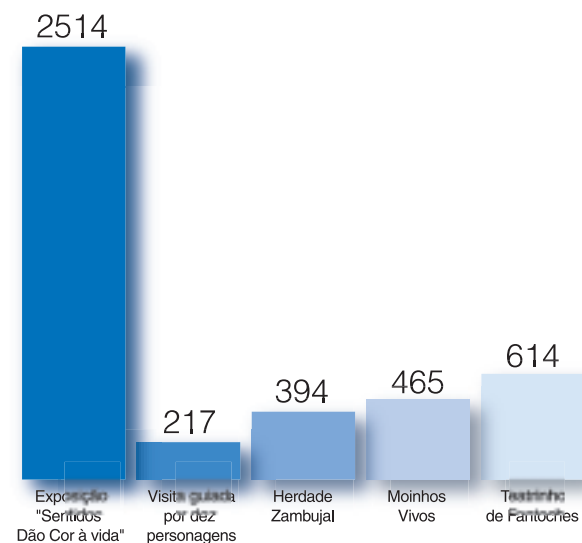
2º, 3º ciclos do Ensino Básico e Secundário (terceiro gráfico).

As tendências de participação nas diferentes acções são notórias. Gostaríamos, contudo, de perceber melhor as razões da fraca adesão de alguns estabelecimentos às mesmas.

Ajude-nos a servir melhor a Comunidade Educativa !

Conte-nos por que não aderiu ! Contacte-nos !

ACTIVIDADES MAIS FREQUENTADAS
POR INSTITUIÇÕES DE ENSINO DO CONCELHO

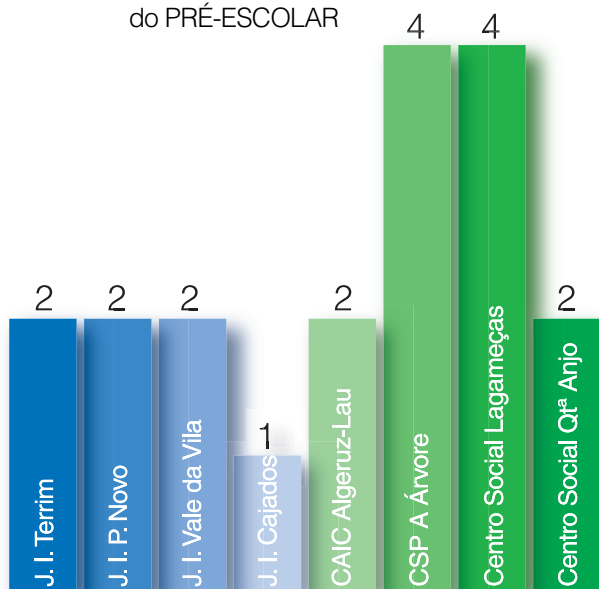


Outras Actividades frequentadas:

- Atelier de Jogos - 88 participantes
- Atelier de S. Tiago - 30 participantes
- Atelier Grafia Antiga - 55 participantes
- Visita "À Descoberta de Pinhal Novo" - 115 participantes
- Visita à Herdade de Rio Frio - 55 participantes
- Visita ao Centro Histórico de Palmela - 72 participantes
- Visita Sepulcros Neolíticos de Quinta do Anjo - 72 participantes
- Visita temática ao Castelo - 72 participantes



PARTICIPAÇÃO NAS ACTIVIDADES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DO CONCELHO do PRÉ-ESCOLAR

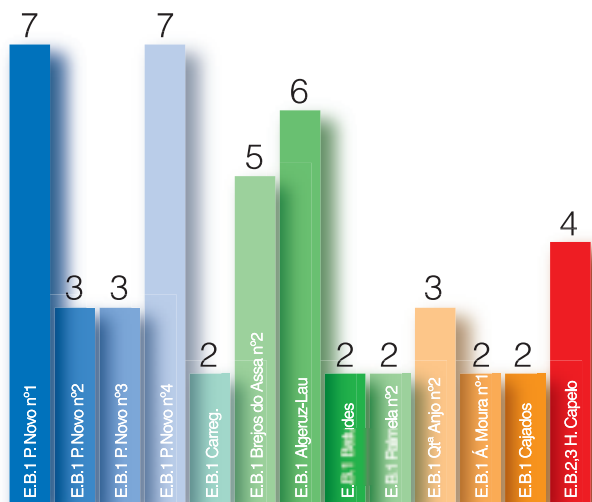


• Escolas com presença em 1 actividade

Escolas Básicas 1 de:

Arraiados; Olhos de Água n.º 2; Palmela n.º 1; Lagameças; Palhota; Brejos do Assa n.º 1; Quinta do Anjo n.º 1; Poceirão n.º 1; Vale da Vila; Aires n.º 1; Bairro Alentejano; Forninho; Lagoa do Calvo; Águas de Moura n.º 2; Fonte Bearreira; Aldeia Nova da Aroeira; Olhos de Água n.º 1; Aires n.º 2; Cabanas; e
Escola Secundária de Pinhal Novo.

PARTICIPAÇÃO NAS ACTIVIDADES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DO CONCELHO 1.º, 2.º 3.º CICLOS DE ENSINO BÁSICO E ENSINO SECUNDÁRIO



4 em destaque . . .

NÚCLEO MUSEOLÓGICO DO VINHO E DA VINHA NA ADEGA DE ALGERUZ

A criação do Núcleo Museológico do Vinho e da Vinha, enquanto suporte da memória colectiva e como instrumento de 'informação' e 'lazer', satisfaz uma antiga aspiração da comunidade e procura interpretar e dar a conhecer uma visão dos quotidianos e de práticas que estão encerradas (e podem ser exprimidas) no património vitivinícola legado pelo *mundo rural* de Palmela.

Este novo espaço museal, de fruição pública, pretende reconstruir memórias perdidas de um passado histórico, a valorização dos costumes e tradições e a promoção do estudo do património rural e industrial. Para que tal seja conseguido, o projecto foi pensado no contexto das funções museológicas que lhe são atribuídas e tendo a preocupação de estabelecer desde o início uma ligação mínima e estimulante entre a História e as várias disciplinas e saberes das ciências humanas e sociais, como a Etnologia Rural, a Antropologia, a Etnografia e afins, que em conjunto facilitam e permitem o desenvolvimento de estudos nas áreas especificadas.

Para o efeito, e como se referiu anteriormente, desde há algum tempo que se desenvolvem pesquisas e estudos de natureza transdisciplinar que, de forma sucinta, contemplam:

- a) O levantamento, registo e estudo do património vitivinícola do concelho;
- b) O inventário dos proprietários rurais que permita elaborar a cartografia vitivinícola do concelho;

c) O registo e estudo das memórias, das histórias de vida e, nalguns casos, dos espólios existentes, tendo em vista o estudo dos quotidianos e dos vários aspectos relacionados com a organização social, a economia, as relações e os quadros da sociabilidade;

d) A pesquisa das fontes documentais relativas à temática, que por razões temporais não está completa (o volume documental a que nos referimos distingue-se pela sua extensão e dispersão);

e) A pesquisa das fontes de registo e suporte audio-visual que permitam a organização de um centro de documentação, que deverá incluir também, e naturalmente, a bibliografia de referência/específica da temática em estudo;

f) A inventariação, classificação e registo do espólio pertencente à Adega de Algeruz, constituído por vários suportes, da maquinaria industrial aos pequenos utensílios particulares e artesanais - 'artefactos' do mundo artesanal e empírico no qual a 'indústria vitivinícola', superiormente ilustrada neste espaço, encontrou um ponto de apoio e lançamento;

g) O estudo do espólio ou colecção que pelo seu valor histórico e 'conteúdo' permite a descrição e a elaboração de instrumentos de pesquisa e a produção de documentos de divulgação e de eventos direccionados aos diferentes segmentos de público; referimo-nos à concepção de exposições, inventários, guias e textos de consulta e estudo, que beneficiarão os futuros utilizadores deste equipamento.



A musealização

1

DE ADEGA A MUSEU

1.1 O sistema de ânfora argelino

O Núcleo Museológico do Vinho e da Vinha está a ser instalado na antiga adega da herdade de Algeruz. Com uma área aproximada de 1800 m² e um valioso espólio, constituído por maquinaria e utensílios ligados à produção vinícola, que lhe valeu a esta adega ser distinguida em 1937, pela Federação Nacional dos Vinhos, como “a mais moderna adega do país”, exemplo brilhante do que poderia ser a articulação dos sectores tradicionais da economia nacional com o progresso científico e tecnológico, num país que no primeiro terço do século continuava atrasado e incapaz de seguir o desenvolvimento das nações europeias. Ali, à adega de Algeruz, se foi ‘colher’ as bases para a criação das futuras adegas cooperativas. Primeira do país na tecnologia da produção do vinho, a adega utilizava já em 1934 a

vinificação por ‘lessivage automatique’, implementada por D. Gregório Gonzalez Briz que, na juventude, tinha feitos estudos em enologia em Bordéus. Este sistema de vinificação conduziu, mais tarde, ao sistema de ânfora argelino. Sumariamente, a eficácia deste sistema decorria da introdução, numa cuba vulgar de cimento armado, de um autovinificador ‘Ducellier-Isman’ associado a um lixiviador, constituído por uma válvula termoestática que, em conjunto com um sistema de refrigeração eficiente, processava um trabalho fermentativo das massas vinárias mais regular e mais rápido, com uma oxigenação perfeita das leveduras. Estava assim encontrado o ‘moderno’ sistema tecnológico da vinificação que, no âmbito da indústria, estava já contemplado no Plano Vitivinícola de 1924.

1.2 A colecção

É no processo inovador de vinificação, mencionado anteriormente, que reside a singularidade desta adega, também ela já em si valorizada pelo valioso espólio constituído por documentos, na sua maioria, agrupados pelo seu conteúdo e pela sua função, e que se traduzem em objectos bi ou tridimensionais (maquinaria, alfaías agrícolas, ferramentas de trabalho, e afins) evocativos dos saberes artesanal e industrial.

A colecção existente neste lugar de memória patrimonializada é enriquecida pelo mundo do trabalho que em torno destes 'objectos' e 'artefactos' se constituiu. Importa lembrar também a memória do principal construtor e mentor do projecto agrícola edificado na Sociedade Agrícola de Algeruz, mas também a memória, inseparável da primeira, do dedicado grupo de trabalhadores braçais que ali inscreveram os seus quotidianos, vivências e saberes-repositórios da memória colectiva desta comunidade, e que agora pode e deve ser divulgada neste processo de musealização, consolidando a identidade do próprio concelho.

2

PROGRAMA MUSEOLÓGICO-EXPOSITIVO

A musealização deste espaço, concebido de raiz para fins vinícolas, conduziu-nos à elaboração de um percurso museológico-expositivo centrado no próprio processo de vinificação que a Adega de Algeruz integra, sublinhando assim o conjunto representativo da cultura material que a adega apresenta e exprime, a colecção do Museu!

Deste modo, o público-utilizador/visitante do núcleo museológico passa do **espaço de acolhimento à ala da vinificação** pelo sis-

tema de ânfora argelino, amiudemente referido neste documento, onde tomará conhecimento do processo em pormenor mediante a visualização e a interpretação orientada de um conjunto de suportes expográficos contendo informação escrita e visual.

Na posse do conhecimento sobre os processos de vinificação do vinho branco e tinto, e 'apropriando-se' pela vista, pela compreensão e pelo toque corporal dos vários artefactos presentes no espaço, e que constituem parte da colecção exposta. O público registará o fabrico de água-pé materializado no sistema de bateria ali instalado. Como ajuda à compreensão dos processos de fabrico, o percurso passará pelo laboratório onde lhe será explicado todo um conjunto de procedimentos de natureza laboratorial, relacionados com a química e a física, que possibilitam o fabrico de um 'bom vinho'.

De seguida, e já na segunda ala, chegamos à área de **armazenamento e acondicionamento dos vinhos**, que inclui também o seu **escoamento**, por venda a granel no mercado exterior. Terminada esta fase do percurso, passamos ao **auditório** que funciona também como espaço dedicado à história da adega e da própria herdade de Algeruz, à evocação de todos aqueles que levantaram e exposições de temática diversa com carácter temporário.

Mais adiante, aproximando-nos do termo do percurso, o visitante tomará contacto com a sala de envelhecimento dos vinhos, a reserva, onde eram depositados os me-lhores vinhos fabricados e também os moscatéis, produto que orgulha particularmente toda esta região que vai de Palmela a Azeitão.

De seguida, o percurso segue pela **destilaria**, também conhecida por ser o 'fecho da adega', já que aí termina o ciclo da produção. No termo do circuito, recolhemos à sala de recepção, por onde passámos inicialmente, e onde estão disponíveis mate-



riais de produção e se fornecem informações úteis aos públicos utilizadores deste equipamento.

3

CONCLUSÃO

No sentido de sensibilizar as pessoas e a comunidade para este projecto, que é um instrumento de identidade e memória, está em preparação uma exposição de carácter temporário que será inaugurada no núcleo da adega, quando estiverem concluídas as obras de beneficiação do edifício, cremos que no próximo ano.

São seus objectivos desenvolver um trabalho continuado e profícuo com as escolas de todos os graus de ensino e promover o projecto em curso, através do diálogo e em colaboração com os proprietários rurais, empresas produtoras e restantes agentes sociais, económicos e culturais. Deste modo, a Câmara Municipal, o concelho de Palmela e a região disporão de mais um equipamento de natureza cultural a acrescentar a outros já existentes, que desempenham uma função importante no roteiro patrimonial e turístico deste concelho.

Maria Leonor Dono Claro Campos

Técnica Superior do Museu Municipal de Palmela
responsável pelo
Projecto de Musealização
do Núcleo do Vinho e da Vinha

Bibliografia

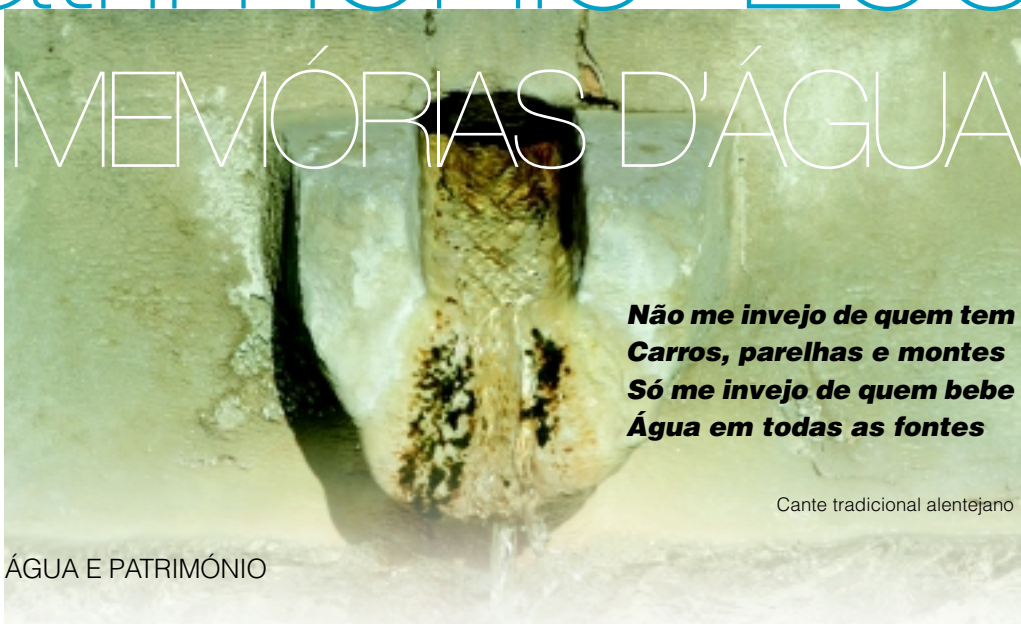
Monografias

- Amerine Berg and Cruess - The Technology of Wine Making, second edition/AVI, 1967
- PATO, Octávio - O Vinho - Sua Preparação e Conservação, s/l: Clássica Editora, 9ª edição, 1992
- PEYNAUD, Emile - Conhecer e Trabalhar o Vinho, Biblioteca Agrícola Litexa, Lisboa/Porto: Litexa Editora, 1993

Publicações periódicas

- A Voz de Palmela, Semanário Regionalista e Cultural, Palmela, 1954, 1963
- Informação Vinícola, Semanário, Lisboa, 1937, 1941, 1942, 1944 e 1947
- O Setubalense, Diário Republicano da Noite, Setúbal, 1937
- O Vinho, Semanário Vitivinícola, Lisboa, 1935

8 Património Local



MEMÓRIAS D'ÁGUA

**Não me invejo de quem tem
Carros, parelhas e montes
Só me invejo de quem bebe
Água em todas as fontes**

Cante tradicional alentejano

ÁGUA E PATRIMÓNIO

Água é vida, ou seja, é condição essencial para a existência de qualquer ser vivo na Terra. À água cabem diversas e importantes funções, entre as quais: alimentar, fertilizar, proteger, contribuir para a saúde, transportar. O acesso à água é fundamental e é hoje reconhecido o direito de todo o Ser Humano a dispôr de água potável e de saneamento.

Acerca do concelho de Palmela escreve-se nas Memórias Paroquiais de 1758 o seguinte: *“Esta serra em que se acha fundada a vila de Palmela é abundante de águas várias que nascem por toda a circunferência da mesma. Todas são salutíferas e nas saídas desta vila em todas as estradas têm suas fontes e de todas elas dizem serem as mais especiais nas virtudes das águas das fontes de Ares, Samouco e Façalva para os achacados de pedra e areias. Como também a do chafariz principal desta vila para os que padecem toda a casta de febres e intem-peranças, por ser esta água fresca de sua natureza, conforme as experiências e opiniões dos médicos.”*¹

Durante centenas de anos, competiu às fontes e aos chafarizes a tarefa de satisfazer o

abastecimento de água às populações que ainda não dispunham de distribuição domiciliária. São essas as Fontes e Chafarizes que encontramos, muitas vezes, nas estradas e caminhos do nosso concelho, indiferentes ao facto de serem um testemunho do passar do tempo e das gerações. Mas, para evitar que se perpetue o esquecimento de tão importante património, são também essas Fontes e Chafarizes actual objecto de estudo pelo Museu Municipal, que desenvolve um trabalho com vista à recuperação futura destes elementos arquitectónicos.

A investigação, actualmente em curso, pretende, não só, a localização geográfica e a descrição deste património de tipo “arquitectura pública civil”, no que diz respeito às suas características de estilo, matéria-prima e técnicas de construção, mas também a sua contextualização através de fontes escritas e orais. E aqui, destacamos a recolha de memórias como meio privilegiado para a reconstrução das vivências e a apreensão da importância do acto de “ir à fonte”, tão significativo para a sociabilidade local. Este estudo, logo que se encontre

¹ FORTUNA, António de Matos (prólogo, selecção e anotações) – Memórias Paroquiais de 1758, Monografia de Palmela, 1, Palmela: Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 1982, pp.34

MEMÓRIAS D'ÁGUA

concluído, converter-se-á num instrumento e salvaguarda destes bens, bem como de requalificação das zonas envolventes.

E por **fonte** e **chafariz** entendemos:

Fonte: lugar onde brota água continuamente; nascente; água que nasce do solo; bica por onde corre água; construção provida de uma ou mais bicas ou torneiras por onde corre água potável; chafariz.²

Chafariz: fontanário com várias bicas e de construção mais ou menos artística.³

Mas por ora, deixemos a linguagem técnica e adoptemos um discurso simples, mais adequado à humildade das fontes, na esperança de melhor nos entendermos todos quanto à salvaguarda deste Património.

Fontes e Chafarizes

As fontes, tal como as conhecemos, surgiram da necessidade dos povos facilitarem o acesso à água, quer junto dos lugares onde se congregaram, quer ao longo dos caminhos, que os conduziam para as feiras, mercados e romarias.

Quem percorre o território do actual Concelho de Palmela descobre diversos imóveis desta natureza, de distintas formas, dimensões, ornamentações, materiais e técnicas de construção, mas todas cumpriram igual função: dar de beber às gentes e aos animais: neste sentido, todas apresentam, em maior ou menor número, as respectivas bicas e as bacias receptoras de água.

Fontes e chafarizes pautavam os ritmos do caminho, outrora mais longo e mais penoso, por se caminhar a pé, ou ao dorso dos animais. As longas horas consumidas rumo a um destino exigiam pausas ditadas pela necessidade de saciar a sede, assim como as rotinas da vida doméstica obrigavam a visitas regulares ao chafariz mais próximo. Cacilda Martins recorda: "...a gente ia com os burros, com uma infusa, uma de cada lado, uma gopelha (...) chamava-mos-lhe

quartas (...) e em cima daquelas, duas pequeninas (...) uma de cada lado para travar a grande (...). A gente levava logo aquela conta de bilhas para ter água para dois dias ou três."⁴

Outros elementos presentes, na maior parte dos chafarizes em estudo, são os bancos destinados, não só ao descanso dos caminhantes, mas também à espera daqueles que, pacientemente, aguardavam a sua vez de encher as infusas. Como também recorda Cacilda Martins "... havia fila para encher, depois estávamos por ali sentados (...), falava-se com este, falava-se com aquele e às vezes havia namoricos que se arranjavam ali, no chafariz."⁵

Tanques e Lavadouros

Quando a fonte de água se situava próximo de um povoado dispunha, algumas vezes, de um tanque utilizado como lavadouro público. Como exemplos lembremos o Tanque da Fonte de Beber e o da Fonte Nova em Palmela; o Lavadouro do Chafariz de Aires, o Lavadouro de Águas de Moura, os tanquinhos de Quinta do Anjo e o Lavadouro do Bairro Franco, em Pinhal Novo. Nestes locais, ainda hoje, pode ser adivinhado o riso das mulheres, o chapinhar da água ou o cheiro e a brancura da roupa lavada.

A memória dos lugares é feita de tudo isto. Dos caminhos, portas, janelas, fachadas, mas também de fontes e chafarizes. Convidamo-lo a si, a quem coube o benefício de ter água em casa, a olhar as fontes que, silenciosamente, vigiam os seus caminhos e tentar ouvir o muito que elas contam, para enfim perceber a importância da salvaguarda das nossas memórias d'água.

Cristina dos Reis Prata
Técnica Superior de História/Museu Municipal

² in *Dicionário da Língua Portuguesa 2003*, Porto Editora, pp. 773

³ in *Ibidem*, pp. 341

⁴ Entrevista a Cacilda Martins, 87 anos, Cabanas, a Cristina Prata/Museu Municipal, Setembro 2003

⁵ Idem

CHAFARIZ MONUMENTAL
Palmela
Construção Pública Civil
1792



O actual chafariz terá resultado de uma remodelação ao inicial imóvel, de meados do século XVI, mandado edificar pelo último Mestre da Ordem de Santiago, D. Jorge, filho natural de D. João II.

Encontrando-se em muito mau estado no século XVIII, o chafariz foi então alvo de uma campanha de obras de acordo com a estética cenográfica barroca, e passa a ostentar as armas régias - aplicadas no corpo central do imóvel - e as antigas armas da vila de Palmela, nos corpos laterais.

No frontão triangular encontra-se a seguinte inscrição:

PUBLICAEUTILLITATI C.D.S.P.Q.R SUB AUSPICCI MARIA I MDCCXCII. (Transcrição: Para utilidade pública foi feita por resolução do povo senado e administração do concelho sob a protecção de D. Maria I 1792.)

Também nesta época terão sido colocados os fogaréus. Os tanques laterais eram usados como bebedouros para o gado.

CHAFARIZ DE CABANAS
Cabanas
Construção Pública Civil
1882

Construída em pedra e alvenaria e constituída por um frontão simples, uma bica, uma bacia receptora, dois tanques laterais, bebedouros para os animais, e dois bancos, também laterais, destinados à espera ou ao descanso.

Apresenta uma tabela em mármore com a seguinte inscrição: «Mandado construir pela Repartição de Obras Públicas do distrito de Lisboa em 1882».



LAVADOURO DE QUINTA DO ANJO
Quinta do Anjo
Construção Pública Civil
1940



Constituído por 14 tanques em alvenaria e pedra. Ainda conserva o depósito que

abastecia os tanques e apresenta a seguinte inscrição:

“C. M. Palmela
Obra participada pelo Estado Novo
Melhoramentos Rurais
No ano dos Centenários
7.7.1940”

CHAFARIZ DE AIRES
Aires
Construção Pública Civil
1939



É constituída por um frontão em alvenaria, uma bica e dois tanques em pedra, o menor destinado à recepção da água e o maior à reserva.

Salienta-se a altura equilibrada do muro em relação a esta peça arquitectónica, a existência de bancos laterais e uma conduta que canaliza a água até um lavadouro. Apresenta uma tabela com a seguinte inscrição:

«C.M.P.

Obra concluída em 30.XII.1939»

CHAFARIZ OU «FONTE»
DE ÁGUAS DE MOURA



Águas de Moura
Construção Pública Civil
1878;1953

Fonte situada numa mina de água, de construção singela e constituída por uma bica e uma bacia receptora.

Apresenta, ao centro do frontão, uma tabela com a seguinte inscrição: «CMP 1878» e sobre a bica em pedra a inscrição «1953».

MEMÓRIAS D'ÁGUA



CASTRO

um notável sítio arqueológico

DE CHIBANES



Quando em 1998 o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal iniciou, com a colaboração da Câmara Municipal de Palmela, Parque Natural da Arrábida e Instituto Português de Arqueologia, o projecto de investigação arqueológica plurianual, centrado no Povoamento e Arqueologia da Paisagem na Pré-história Recente e na Proto-história do Sector Oriental da Arrábida, as vertentes patrimonial e sócio-cultural estavam subjacentes às intervenções a desenvolver no castro pré e proto-histórico de Chibanes. Porém, não se vislumbravam então as reais potencialidades patrimoniais desta jazida arqueológica que se revelou, no decurso das escavações, uma das mais importantes da Pré-Arrábida. A sua evidente correlação com a necrópole de hipogeus da Quinta do Anjo cria condições para implantar no terreno um percurso arqueológico pedestre de carácter educativo, desportivo e lúdico, que poderá ser igualmente um produto turístico de índole cultural e ambiental de grande qualidade.



Localizado no Parque Natural da Arrábida, num troço culminante da Serra de Louro, de onde se avistam o Sado e o Tejo, o castro de Chibanes alia, ao seu enorme interesse cultural, um enquadramento paisagístico de rara beleza, que importa valorizar. Os trabalhos de campo efectuados neste arqueossítio permitem-nos ter, neste momento, um quadro bastante completo da diacronia e da extensão do mesmo, e uma aproximação à complexidade arquitectural da fortificação da Idade do Cobre e ao castro da Idade do Ferro, cujas plantas deverão ser recuperadas em extensão, através da escavação do sector central da jazida. Assim, importa prosseguir a investigação em curso, conservar, restaurar e musealizar os sectores já escavados de forma a disponibilizar esse património para usufruto das populações locais e integração em circuitos de turismo cultural e ambiental. Com efeito, o castro de Chibanes comporta-se como um significativo recurso patrimonial que pode ser mobilizado ao serviço do desenvolvimento regional.

A mais antiga ocupação humana de Chibanes iniciou-se há cerca de 4 800 anos, durante a Idade do Cobre. As boas condições naturais de defesa foram reforçadas pela construção de uma verdadeira fortificação, com espessas e altas muralhas, guarnecidas por bastiões semicirculares. Chibanes é, por agora, o único exemplo conhecido e visitável de uma fortificação calcolítica em toda a Península de Setúbal. A vida deste povoado desenvolveu-se até ao final do Horizonte Campaniforme (há cerca de 3700 anos) e assentou sobre uma economia agro-pecuária florescente, muito embora a prática da caça e da recollecção de moluscos marino-estuarinos esteja igual-

mente documentada. A metalurgia do cobre fez parte das actividades artesanais. A população de Chibanes terá enterrado os seus mortos na vizinha necrópole de hipogeus da Quinta do Anjo.

Abandonado no final do Horizonte Campaniforme, o sítio de Chibanes viria de novo a ser utilizado como local de residência, graças às suas boas condições geoestratégicas, em períodos de grande instabilidade sociopolítica, como foram a II Idade do Ferro (sécs. III-II a.C.) e o período proto-romano, também designado por romano-republicano (sécs. II-I a.C.). A estas ocupações humanas correspondem, respectivamente, a construção de uma fortificação associada à urbanização do espaço intra-muros, e a sua reformulação, sob influência itálica, nomeadamente através do acréscimo de estruturas “abaluartadas”, no extremo ocidental do povoado. Registaram-se, ainda, vestígios de ocupação da Época romana imperial, embora escassos e espacialmente confinados.

Chibanes comporta-se, pois, como um notável lugar da História. Neste sítio foram erguidos os dois castros que antecederam o castelo do período islâmico e medieval cristão do morro de Palmela. Tal como este último, aquele oferece condições para vir a ser um ponto de visita obrigatória.

Joaquina Soares

Arqueóloga
Directora do Museu de Arqueologia
e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Património concelhio em Documentos

Acção administrativa da Camara após a restauração do Concelho

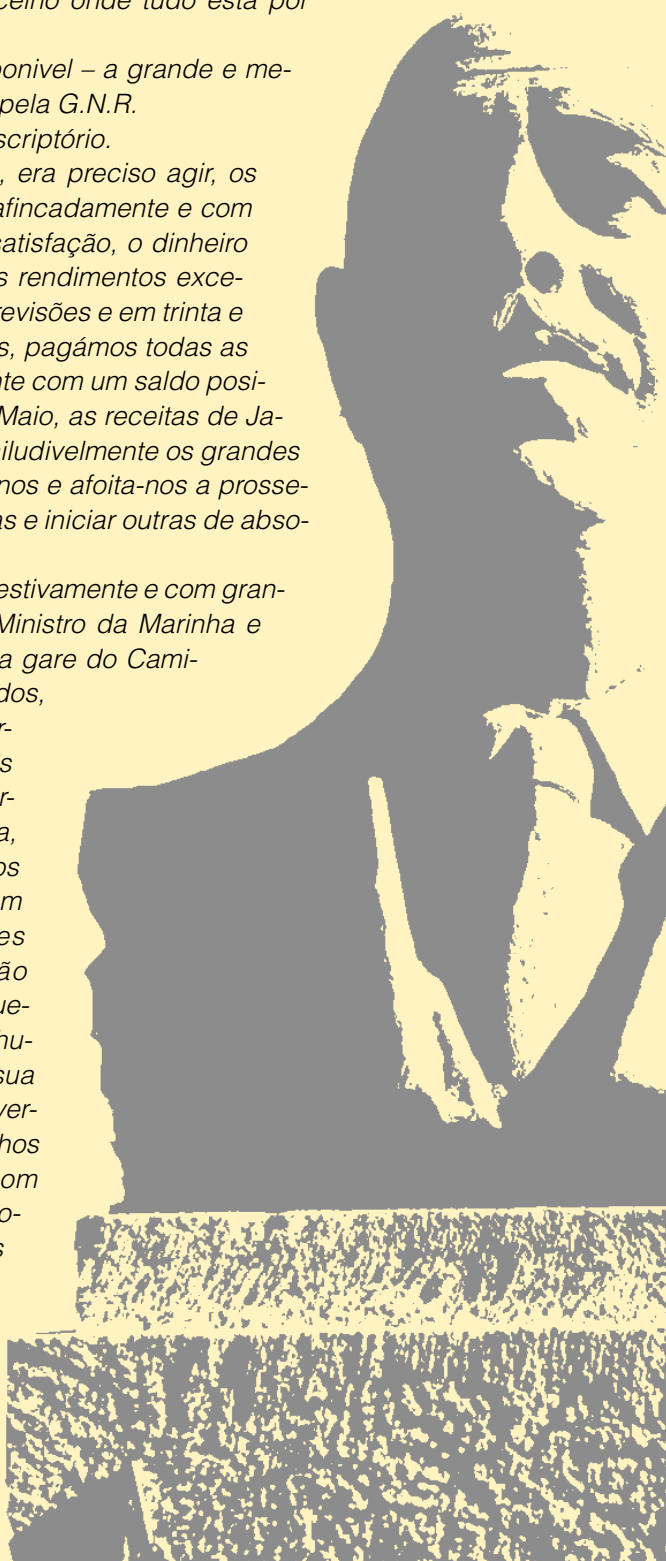
Numa rapida visita a todo o concelho, só encontramos ruínas e necessidades; chovem as reclamações e os pedidos. A Camara constata embora sem surpresa, que tem sobre si a difícil e espinhosa missão de administrar um concelho onde tudo está por fazer e urge que tudo se faça.

Instalamo-nos numa sala, a única disponível – a grande e melhor parte do edificio, estava ocupada pela G.N.R.

Compraram-se móveis e material de escriptório.

Estava montada a maquina municipal, era preciso agir, os empregados e vereadores trabalham afincadamente e com exito, o povo paga os impostos com satisfação, o dinheiro entra consecutivamente e bastante, os rendimentos excedem todas as expectativas, todas as previsões e em trinta e tal dias cobrámos quarenta e tal contos, pagámos todas as contas e transitámos para o ano seguinte com um saldo positivo de dois mil escudos. Estamos em Maio, as receitas de Janeiro a Abril vem confirmar positiva e iniludivelmente os grandes rendimentos do municipio; isto alegra-nos e afoita-nos a prosseguir activamente nas obras já encetadas e iniciar outras de absoluta necessidade.

No dia 22 de Maio de 1927, recebe-se festivamente e com grande pompa, a visita de Suas Ex.^{as}, o Ministro da Marinha e Quartel Mestre General do exército. Na gare do Caminho de Ferro Suas Ex.^{as} eram guardados, pelo elemento oficial, muito povo e filarmónicas. Ao desembarcar, Suas Ex.^{as} são ovacionadissimos e num luzido cortejo de automoveis seguiram para a vila, onde á entrada são recebidas por muitos milhares de pessoas que irrompem em delirantes manifestações. Os nomes Amilcar Mota e Jaime Afreixo são aclamadissimos; num cortejo a pé segue-se para os Paços do Concelho; o povo humilde e reconhecido descobre-se á sua passagem, as ruas cobertas de areia vermelha e juncadas de flôres e rosmaninhos estão vistosamente ornamentadas com colgaduras de finas e variadas côres; sobre os ilustres visitantes, as senhoras deixam cair suavemente muitas e lindissimas flores. As fardas dos ilustres militares e marinheiros ostentam condecorações e veneras, o traço civil de cerimonia, o traço modesto mas



decente dos camponeses, os vestidos das senhoras são sêdas de côres garridas, as bandeiras, os estandartes flutuando ao vento imprimem á festa uma nota colorida e bizarra. Na Sala Nobre o Presidente da Camara faz os cumprimentos de boas vindas e em seguida á sessão solene são descerradas as fotografias de Suas Ex.^{as}, uma estrondosa e prolongada salva de palmas ecôa pelas salas, as ovações são calorosas e a Sociedade Humanitaria estreia o hino oficial do concelho, executando-o sob a regencia do seu auctor o insigne maestro Serra e Moura.

Á tarde na varanda mourisca do castelo, o jantar corre animadissimo; falaram varios oradores e as Sociedades Filarmonicas Executam com brilhantismo lindos trechos de opera que a selecta assistencia aplaude.

Aproxima-se a noite e Suas Ex.^{as} retiram-se maravilhados com as belezas da terra e com o povo e satisfeito por a ambos terem servido. (...)

Durante o ano civil de 1927 e de Janeiro a Maio de 1928, fizemos importantes melhoramentos a saber:

Edificios – Transformámos radicalmente os Paços do Concelho, cujas lojas, ocupadas por abegoarias, constituíam umas especuluncas sem luz e sem ar e parte em ruínas, adaptamo-las a repartições públicas do estado e aferições.

Mobiliario – Adquirimos o necessario, não de um luxo espaventoso mas bastante decente e condigno.

Iluminação – Melhorámos consideravelmente a da Quinta do Anjo e Pinhal Novo.

Limpeza – Comprou-se mais uma muar, um carro, admitiu-se mais pessoal e modificou-se o seu sistema.

Fontes e Poços – Limparam-se os poços, as canalisações das fontes, reparou-se, convenientemente, alguns estragos e acautelou-se o abastecimento público.

Estradas – Repararam-se as de Biscaia, Cantadores, Cascalheira e Barris.

Cemiterios – Concluíram-se os de Quinta do Anjo e Poceirão.

Muralhas – Repararam-se varias e concluiu-se a grande muralha de S. João e da Cerca.

Engenharia – Levantou-se a planta topográfica da vila.

Assistencia medica – Nomeámos três medicos, dois para Palmela, e um para Pinhal novo com visitas semanais ás Águas de Mourão [sic], Poceirão e Quinta do Anjo.

Assistencia Publica – Subsidiámos o hospital da vila, demos subsidios de lactação, indigencia, e invalidez, cedemos muitissimas

guias para os hospitaes de Lisboa, demos bodos aos pobres.

Transportes – Para comodidade do contribuinte e do povo em geral subsidiámos uma confortável camionete de carreira.

Calçadas – Fizeram-se novas e reparações tendentes a conservar as boas.

Impostos – Para beneficiar o comércio dos Vinhos reduzindo o ad-valorem de 3 para 1%.

Crises de Trabalho – Enfrentámos duas grandes crises de trabalhadores rurais e uma de operários, nos lares dos quaes a miséria ameaçava entrar.

Visita Ministerial – Em 22 de Maio de 1927; recepção oficial de Ss.Ex.^{as} o Ministro da Marinha e Quartel General Mestre do exército e Governador Civil.

Creação de Freguezias – Crearam-se as de Quinta do Anjo, Pinhal Novo e Marateca para o que a Camara imensamente contribuiu.

Aferições – Com material todo novo e bom, instalou-se convenientemente essa repartição.

Higiene – Removeram-se para fóra da povoação todas as malhadas de gado, lavam-se e desinfectam-se amiudamente as sargetas e urinóis, e fazem-se inspecções sanitárias.

Arborisação – Meteram-se centenas de arvores na Quinta do Anjo, estação de Palmela, largo de S. João e arborizou-se toda a parte norte da imensa esplanada do Castelo, onde a Camara mandou contruir um lindo parque e onde daqui por 10 anos devemos possuir uma maravilhosa mata, que nada ficará a dever a Sintra e ao Bussaco.

Instrução – A camara altamente preocupada com a instrução publica, que é quasi nula, faz consecutivas demarches junto do ministro da instrução mas não consegue obter auxilio. Mais de duzentas creanças não recebem instrução há 2 anos; não existe escola do sexo feminino e a do masculino é uma pequena casa sem condições higiénicas e pedagógicas, e camara esforça-se por construir o edificio escolar, para o qual o benemérito lavrador Samuel Lupi dos Santos Jorge contribuiu com toda a madeira, a Camara desde Janeiro de 1927 a esta data já lá gastou cento e vinte mil escudos, e o governo a quem cumpre pôr termo esta grave situação ainda não dispendeu um centavo.”

Excerto de texto da autoria de Joaquim José de Carvalho,

A não esquecer...

TOPONÍMIA MARCA FASES HISTÓRICAS

Cerca de um ano após a implantação da República em Portugal – 5 de Outubro de 1910 –, e como aconteceu quando ocorrem grandes transformações na vida das comunidades, foram feitas alterações na toponímia da vila de Palmela. Assim, o jornal *A Mocidade* publica em 15 de Novembro de 1911 um edital com o seguinte teor:

“**Novas denominações de ruas de Palmela**”

Largo do Infante D. Afonso – Praça 5 de Outubro

Largo de S. Sebastião – Praça Marquês de Pombal

Largo do Terreiro – Largo Machado dos Santos

Rua do Anjo – Rua Francisco Ferrer

Rua da Cruz – Rua 31 de Janeiro

Rua da Misericórdia – Rua Miguel Bombarda

Rua Nova de S. João – Rua da República

Rua de Santo Antonio – Rua Heliodoro Salgado

Rua de S. Pedro – Rua 28 de Janeiro

Rua de S. Sebastião – Rua Almirante Reis

a rua que se segue ao chafariz do Terreiro – Rua Manuel Buiça

Travessa da Praça – Rua Alfredo Costa

Travessa de S. Pedro – Rua Elias Garcia”

Uma sugestão:

Passeie no Centro Histórico e procure-as !

Será que ainda se conserva toponímia de determinação republicana ?

Noutros pontos do concelho, que alterações se recorda terem ocorrido ?

DEBATES

SOBRE ANTE-PROJECTO
DE PROGRAMA
MUSEOLÓGICO
PARA O CONCELHO
DE PALMELA

O calendário é o seguinte:

24 de Novembro, 21h30

POCEIRÃO
(Centro Cultural do Poceirão)

26 de Novembro 21h00

ÁGUAS DE MOURA
Centro Multiusos (a confirmar)

28 de Novembro 21h00

PALMELA
(Casa Mãe Rota dos Vinhos)

9 de Dezembro 21h00

QUINTA DO ANJO
(Junta de Freguesia)

11 de Dezembro 21h30

PINHAL NOVO
(Biblioteca Municipal)

Edições em destaque



Festas das Vindimas – 40 Anos de História

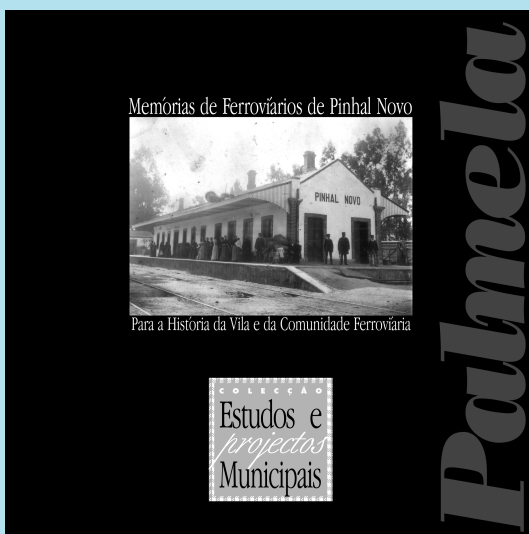
Edição: Câmara Municipal de Palmela



150 anos da Sociedade Filarmónica Palmelense "Os Loureiros"

Edição:

Sociedade Filarmónica Palmelense "Os Loureiros"
com o Patrocínio da Câmara Municipal



Memórias de Ferroviários de Pinhal Novo - Para a História da Vila e da Comunidade Ferroviária

Edição: Câmara Municipal de Palmela

Estas edições podem ser consultados na Rede de Bibliotecas Públicas do Concelho.

FUNDOS DOCUMENTAIS ESPECIALIZADOS PARA CONSULTA PÚBLICA, EM PALMELA

O enriquecimento dos Fundos Documentais especializados – GEsOS e Museu Municipal – faz-se através de permuta com outras entidades (por ex.: Câmaras Municipais, Universidades, Museus, Institutos, Centros de Documentação especializados), por aquisição ou integração por oferta dos autores ou editoras.

Podem ser consultados no Gabinete de Estudos e no Museu Municipal, de 2ª a 6ª feira, nos horários de abertura ao público dos respectivos serviços.



Últimas aquisições do Gabinete de Estudos sobre Ordem de Santiago (GEsOS)

- **Monumenta Henricina**, edição da Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 14 vols., Coimbra: Atlântida, 1960-1973
- **Ordenações Afonsinas**, 5 vols., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984
- AYALA MARTÍNEZ, Carlos – **Las Órdenes Militares Hispánicas en la Edad media: siglos XII-XV**. Madrid, 2003
- LEVILLAIN, Philippe – **Dictionnaire Historique de la Papauté**, Paris: Ed. Fayard, 1994

Últimas aquisições do Fundo Documental do Museu Municipal

- CARVALHO, José Maças de (org.) – **Topografias da Vinha e do Vinho**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002
- BALLARD HERNÁNDEZ, Josep – **Gestión del Patrimonio Cultural**, Barcelona: Editorial Ariel, 2001
- Revista: **Historia Antropología y Fuentes Orales**, n.º 29, 2003
- HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul - **Etnografía: Métodos de Investigación**, Barcelona: Paidós, 1994

SITES A CONSULTAR

Dada a importância de que se reveste a metodologia em História Oral sugerimos alguns sites relacionados com esta temática:

<http://brancroft.berkeley.edu/ROHO/>

(Regional Oral History Office, Universidade da Califórnia)

www.ehess.fr/seminaires/archives/pages/sem.pdf

www.hayfo.com/revista.php3

(revista *Historia, Antropologia y Fuentes Orales*)

www.museudapessoa.net

(um dos projectos em curso dedica-se a Memórias do Trabalho de profissões em extinção)

www.oralhistory.org.uk

(Oral History Society)

CADA NÚMERO, UM JOGO

Alquerque de Nove (*Parva Tabella Lapillis*)

Notícia Histórica

O alquerque de nove é um jogo de estratégia, praticado com pedrinhas sobre um tabuleiro riscado a modo de rosa-dos-ventos. É conhecido desde a Antiguidade Pré-Clássica e Clássica. Os Egípcios, os Fenícios, os Gregos e os Romanos divertiam-se, animadamente, com este jogo. Foi o exército romano o responsável pela sua divulgação na Europa, como consequência da sua expansão pelo Mundo Mediterrâneo. *Parva tabella lapillis*, designação romana de alquerque de nove, era um dos passatempos preferidos das suas legiões.

Achados arqueológicos confirmam a existência deste jogo no território nacional em contexto romano, muçulmano e cristão.

Durante a campanha de escavações arqueológicas do Castelo de Palmela, no Verão 2003, foi encontrado um *al-qerq*, designação muçulmana de alquerque.

Chegou aos nossos dias, com algumas modificações, sendo designado por “jogo do moinho”, “jogo do galo” ou “três em linha”.

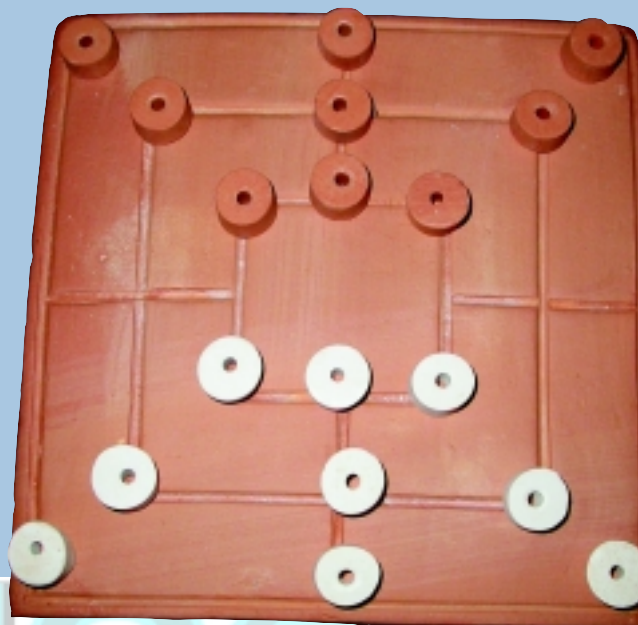
Material necessário:

Cartão/Cartolina; Marcadores; Pedras de duas cores

Descrição:

O alquerque de nove é um jogo de estratégia, praticado com pedrinhas sobre um tabuleiro riscado a modo de rosa-dos-ventos.

É um jogo de cálculo cuja face apresenta três rectângulos concêntricos, cortados e interligados através de duas linhas perpendiculares, formando 16 linhas e comportando 24 pontos.



Índice

- 1** Editorial
- 2** O Museu visitado pelas escolas no ano lectivo 2002/2003
- 4** Em destaque... Núcleo Museológico da Vinha e do Vinho na Adega de Algeruz
- 8** Património Local – Memórias d'água
- 12** Castro de Chibanes – um notável sítio arqueológico
- 14** Património concelhio em Documentos – A acção municipal após a Restauração do Concelho
- 16** A não esquecer...
 - Toponímia marca fases históricas
 - Debates sobre programa museológico municipal
- 17** Edições em destaque
- 18** Fundos documentais especializados para consulta pública, em Palmela
- 19** Sites a consultar
 - Cada número, um jogo – Alguergue de nove

Contactos:

Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto
da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 212 338180

Fax: 212 338189

E-mail: pat.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela

Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal

Colaboram neste número: Cristina Vinagre Alves, Cristina Prata, Joaquina Soares (MAEDS), Lúcio Rabão, Maria Leonor Campos, Maria Teresa Rosendo, Sandra Abreu Silva, Teresa Sampaio, Zélia de Sousa

Design: *atelier* Paulo Curto

Fotografia: Adelino Chapa

Impressão: Armazém de Papéis do Sado

Código de Edição: 519/03 - 3 000 exemplares

ISBN: 927-8497-27-X

Depósito Legal: 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com dois documentos:

- Museu Municipal de Palmela/Educação Patrimonial – Programação 2003-04
- e •• Projecto Educar para uma Alimentação Saudável